

FILANTROPIA

Solidário profissional

ONG investe em empreendedores sociais

Fabio Brisolla

André Nazareth/Strana



NOME: Juliana Bacis Ceddia

PROFISSÃO: médica

ONG: Sociedade Amigos de Coração

ATUAÇÃO: diagnóstico de problemas cardíacos em crianças e acompanhamento do tratamento

Especializada em cardiologia infantil, a pediatra Juliana Bacis Ceddia decidiu pôr seu conhecimento a serviço de uma instituição pública, o Hospital Pediátrico Getúlio Vargas Filho, em Niterói. O início, há cinco anos, foi decepcionante. Constatou que não havia no

hospital aparelho de ecocardiograma, essencial para o diagnóstico de males cardíacos. Como a prioridade era obter verbas para despesas básicas, como remédios para o setor de emergência, o equipamento de 200.000 reais era uma realidade distante. Além da falta de recursos, outra mazela era a desinformação dos pacientes, que não davam seqüência ao tratamento. Juliana não deixou que seu inconformismo virasse apatia e foi à luta. A pediatra foi decisiva para tornar o hospital uma referência na área de cardiologia infantil no Estado.

A metamorfose operada em Niterói chamou a atenção de Mônica de Roure, diretora de operações da Ashoka, organização internacional que investe em um ofício com um contingente de adeptos cada vez maior: o de empreendedor social. "Nossa missão é desenvolver a profissão de empreendedor social. Encontrar pessoas com idéias inovadoras e de impacto social", define Mônica. Atuante em 41 países, a ONG conta com mais de 1.100 associados, pessoas remuneradas para tocar adiante seus projetos de transformação social, uma espécie de profissionais da solidariedade. Ao levar a informática para cantões carentes do Rio, Rodrigo Baggio tornou-se na Ashoka um de seus mais prestigiados *fellows*, como são chamados os associados. Mentora do Renascer, projeto revolucionário no atendimento pediátrico do Hospital da Lagoa, a médica Vera Cordeiro é outra conveniada. Os dois são os veteranos de uma equipe cada vez maior na cidade.

"Não investimos em projetos, mas em pessoas", ressalta Mônica. O esquema de trabalho da Ashoka é simples e pouco dispendioso. Cada associado recebe salário mensal em torno de 2.700 reais, por um período de três anos. É uma ajuda de custo para que o *fellow* possa dedicar-se à concretização do projeto. A ONG oferece orientação e cursos de especialização aos selecionados. E pára por aí. A obtenção de verbas para executar os projetos é de responsabilidade do próprio associado.

Juliana é *fellows* desde o ano passado, após viabilizar uma melhora radical no Getúlio Vargas Filho. O primeiro passo foi dispor de um aparelho de ecocardiograma. Pôs a cabeça -- e as pernas -- para funcionar. Viu o preço do aluguel do equipamento e checkou na administração do hospital o valor dos repasses do Sistema Único de Saúde (SUS). Fez uma conta de dividir simples e calculou que se fossem feitos sessenta exames por mês daria para cobrir o aluguel. "Levei a idéia para o diretor do hospital e ele aprovou", diz ela. Superado o primeiro obstáculo, logo veio o segundo: a etapa pós-diagnóstico. A febre reumática, por exemplo, que desencadeia sérios problemas cardíacos, exige tratamento longo e doloroso. A cada três semanas a criança tem de tomar uma dose de medicamento até, pelo menos, os 21 anos de idade. "Os pais interrompem o tratamento para evitar que a criança sofra, mas é pior, e a cirurgia acaba sendo necessária. Em 1997, para reverter as baixas, a pediatra cooptou uma equipe de voluntários para iniciar um novo tipo de abordagem dos pacientes. "Conseguimos reunir terapeutas e psicólogos e começamos a conhecer todos os problemas da família que tem uma criança com problema cardíaco", lembra Juliana. Um ano depois, os integrantes da tropa de choque do Getúlio Vargas Filho criaram a Sociedade Amigos de Coração e iniciaram uma parceria com a direção do hospital. Em 1999, a ONG obteve financiamento de 350.000 reais para construir o Centro de Tratamento e Diagnóstico para Crianças Cardiopatas, que será inaugurado em dezembro.

Dilmar Cavalher/Strana



NOME: Teresa Costa d'Amaral

PROFISSÃO: historiadora

ONG: Instituto Brasileiro de Defesa dos Direitos da Pessoa

Portadora de Deficiência

ATUAÇÃO: direciona o deficiente para o mercado de trabalho, promove a prática de esportes para o grupo e funciona como escritório de advocacia

A determinação é virtude obrigatória do empreendedor social. Outra integrante da Ashoka, a historiadora Teresa Costa d'Amaral dedica a vida à causa dos deficientes. Sua abnegação ao trabalho filantrópico é tanta que ouviu da filha de 7 anos uma queixa: "Mãe, se eu fosse deficiente você gostaria mais de mim?" Teresa ficou arrasada, mas não recuou. Na época, ela era a responsável pela Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. Por ser esse um órgão federal, ela passava a semana em Brasília e viajava para o Rio nos fins de semana. Ao deixar o cargo, voltou de vez para o Rio e iniciou o trabalho com deficientes físicos em organizações não governamentais. Há três anos, ela fundou o Instituto Brasileiro de Defesa dos Direitos da Pessoa Portadora de Deficiência (IBDD). Uma prova do reconhecimento a seu trabalho Teresa guarda na secretária eletrônica. "Teresa, fomos campeão (sic), fomos ouro". A gravação foi feita em outubro de 2000, e do outro lado da linha estava o judoca Antônio Tenório da Silva, que acabara de ganhar medalha de ouro nos Jogos Paraolímpicos de Sydney. Tenório não completou os estudos. Ficou cego após ser exposto regularmente a substâncias tóxicas no trabalho. "Se ele tivesse tido um atendimento médico adequado, não teria perdido a visão. Ele foi capaz de trazer uma medalha de ouro para o Brasil, mas não conseguiu ser cidadão", diz ela. O instituto atua em três frentes: promove a prática de esportes para o deficiente, direciona-o para o mercado de trabalho e funciona como escritório de advocacia. Outra recente vitória foi o caso de um cego que teve vetada a abertura de uma conta corrente. Os advogados do IBDD recorreram à Justiça e o banco teve de pagar 22.000 reais de indenização. Mais uma medalha para a coleção da *fellows*.



NOME: Maria Teresa Leal

PROFISSÃO: socióloga

ONG: CooppaRoca

ATUAÇÃO: a cooperativa de costureiras da Rocinha produz roupas para grifes e participa de feiras de moda

"Fazer parte da Ashoka é como ter um certificado internacional de qualidade do trabalho", diz a socióloga Maria Teresa Leal, criadora da CooppaRoca, associada à ONG desde o início do ano. A cooperativa de costureiras da Rocinha, responsável pela produção artesanal de roupas, já alcançou repercussão no exterior. Mas, ainda assim, Maria Teresa tem dificuldades para encontrar apoio no Rio. A edição 2002 da feira Retalhar, com produtos desenvolvidos pela CooppaRoca, será realizada em São Paulo, em março, e em Munique, em setembro. Por aqui, até agora, nada programado. "É incrível eu conseguir apoio de paulistas e não ter a ajuda dos cariocas", critica. Na feira passada, o empresário Carlos Miéle, dono da M. Officer, conheceu o projeto da cooperativa e decidiu estabelecer uma parceria. A CooppaRoca passou, então, a desenvolver uma linha de produtos para a grife. Em um ano, o número de costureiras saltou de dezesseis para 100. "Eu me engajei há vinte anos nesse projeto. É algo em que acredito demais", diz a socióloga. Indiretamente, a história de Maria Teresa Leal, assim como a de outros *fellows*, contribuiu para o trabalho da médica Juliana Bacis. "Descobri que mudar o mundo é possível. Eu não estava ficando doida", diz Juliana.